

TEMPO E ETERNIDADE EM SANTO AGOSTINHO¹

TIME AND ETERNITY IN SAINT AUGUSTINE

Fernando Bezerra do Nascimento²

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa³

Resumo

Ao analisar o estudo do tempo podemos perceber duas situações distintas: a primeira a naturalidade que envolve a questão e a segunda, a complexidade do problema do tempo. “Agostinho dirá que sabe sobre o que é o tempo, contudo, se lhe perguntar, logo não saberia responder”. O paradoxo que envolve essas duas situações demonstra antagonismo que está claro em toda história da filosofia desde a antiguidade clássica a contemporaneidade. O tempo é, certamente, um dos enigmas mais antigos da humanidade, e possui relevância para ciência, mas que ganha força na filosofia por sua complexidade e recebe destaque em dois campos filosóficos: na ontologia e na epistemologia. Para Agostinho o tempo pode ser analisado por duas frentes: objetiva e subjetiva, ou seja, o tempo da alma e o tempo real ou do mundo, partindo de um primado do presente o qual para ele é um vestígio da eternidade no tempo. Trataremos nesse artigo a teoria do tempo de Santo Agostinho e como ele classifica as formas de percebermos o tempo, e sua polêmica com os maniqueus.

Palavras-chave: Agostinho, maniqueus, alma, tempo.

Abstract:

When analyzing the study of time we can perceive two distinct situations: the first, the naturalness surrounding the issue and the second, the complexity of the problem of time. “Augustine will say that he knows what time is about, however, if you ask him, he would not know how to answer”. The paradox involving these two situations demonstrates an antagonism that is clear throughout the history of philosophy from classical antiquity to contemporary times. Time is certainly one of humanity's oldest enigmas, and has relevance for science, but it gains strength in philosophy due to its complexity and is highlighted in two philosophical fields: ontology and epistemology. For Augustine, time can be analyzed from two fronts: objective and subjective, that is, the time of the soul and the real time or of the world, starting from a primacy of the present which for him is a trace of eternity in time. This article aims to expose Saint Augustine's theory of time and how he classifies the ways we perceive time, his controversy with the Manichaeans.

Keywords: Augustine, Manichaeans, soul, time.

1 Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Rodrigo Jungman; Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa, na seguinte data: 09 de outubro de 2024.

2 Bacharelado em Filosofia na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: fernando.bezerra@ufpe.br.

3 Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa, Orientador. E-mail - marcos.nunes@ufpe.br.

Introdução

Segundo o Prof. Marcos Costa, Aurelius Augustinus (354 – 430), o nosso Santo Agostinho, “foi um homem completo: poeta, filósofo e sábio em todos os momentos da sua vida” (2014, p. 7). Em sua jornada em busca do conhecimento Agostinho teve contato com várias concepções filosóficas e teológicas, encontros esses que lhe permitiram e influenciaram na reflexão de vários problemas, tais como: “o livre arbítrio”, “a questão do bem e do mal”, “a Trindade” e muitos outros. Mas o que nos interessa no momento é “a questão do tempo”. Reflexão que nasce a partir de uma polêmica que Agostinho travou contra os maniqueus, com o intuito de defender um dos atributos divinos que é a eternidade, contrapondo-o ao tempo, que é criatura de Deus. Essa reflexão está claramente exposta na obra *Confissões*, embora não seja a única, podendo ser complementada em outras obras, conforme veremos mais adiante.

Na referida obra, Agostinho defende a tese de que o tempo não é co-eterno com Deus, mas uma criação Sua, e, para tal, fará uma distinção entre o que é tempo e a eternidade. O Bispo de Hipona começa suas análises com um método que podemos chamar de maiêutico no qual levanta as seguintes questões:

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; porém, se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei (Agostinho, *Conf.*, XI, 14).

Agostinho avança explicando que nada sabemos nem podemos saber sobre o tempo, porque estamos imersos na temporalidade, e uma reflexão sobre algo exige certa exterioridade, o que não temos nesse caso. Sendo assim, ele chega à conclusão de que só o eterno consegue saber o que é temporal.

Sendo assim, ele faz uma divisão temporal: Passado, Presente e Futuro, que os define dessa forma: o Passado não é, pois é o tempo que se afasta de nós, é tudo que já não é mais palpável, simplesmente porque já se foi. O Presente é o agora, mas daqui a pouco já não é mais, vira passado, pois se permanecesse sempre presente e não se tornasse passado, não seria mais tempo, e sim eternidade. Então se o Presente precisa se tornar passado para ser tempo, ele não é, porque o que é não deixa de ser. O Futuro também não é, já que ainda não existe, e quando existir deixará

de ser futuro e passará a ser presente, que tão logo já será passado. Aqui temos o passado como uma forma particular de presente, afinal quando nos lembramos de algo passado, estamos no presente. Em outras palavras, o passado é presente quando nos lembramos dele. E, finalmente, para resolver esse paradoxo, Agostinho faz uma distinção entre “tempo da alma” (subjetivo) e “tempo do mundo” (objetivo). Ora, esses três tempos acima explicados só existem para nós, na nossa mente (no “tempo da alma”). No “tempo do mundo”, nada dura, tudo deixa de ser tão logo que é. Já no “tempo da alma”, as coisas duram, pois seguem uma lógica estritamente nossa.

1 A origem de uma reflexão: a relação entre criação (*creatio ex nihilo*) e tempo

O problema do tempo em Agostinho surge devido ao seu esforço em explicar as árduas provocações dos maniqueus acerca de como Deus criou todas as coisas. Para isso Agostinho vai propor a tese que Deus criou todas as coisas a partir do nada, ou melhor, sem precisar de nada ou de nenhuma matéria pré-existente (*creatio ex nihilo*), e entre a todas as coisas que Deus criou também estaria o tempo, conforme ressalta o Prof. Marcos Costa, em artigo:

Contra essas e outras concepções cosmológico-filosófico-naturalistas e, principalmente, aquela maniqueia, que concebia o mundo sensível como advindo de uma matéria pré-existente, Agostinho insurge com uma concepção cosmológico-filosófico-transcendental do universo, que tem como pano de fundo o princípio judaico-cristão da criação *ex nihilo*, o qual declara que Deus fez tudo ‘a partir do nada’, ou melhor, ‘sem precisar de nada’ ou seja, sem necessitar de nenhuma matéria pré-existente (2010, p. 4).

Nossa investigação tem como ponto de partida a análise do livro XI das *Confissões*⁴ onde Agostinho inicia sua reflexão cosmológica e porque não dizer cosmogônica, com a finalidade de responder as duras provocações dos maniqueus, os quais perguntavam: “o que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?” (Agostinho, *Conf.*, XI, 10,12).

Para tal, o Santo Bispo, na obra supracitada, notadamente nas seções dos parágrafos 1 a 13. discorre sua teoria da criação, seguido das seções dos parágrafos 14 a 31, onde fala acerca da questão do tempo.

⁴ Além da presente obra usaremos outras complementares onde Agostinho toca no assunto ao tratar de temas correlatos, como, por exemplo, os tratados *Sobre a Natureza do Bem* e o *Sobre o Gênesis, contra os Maniqueus*, dentre outras.

A teoria da criação de Santo Agostinho é um aspecto fundamental da sua filosofia e teologia. Para o Hiponense, Deus criou o universo do nada ou melhor, sem precisar de nenhuma matéria (*ex nihilo*). Esta concepção difere da ideia de uma matéria pré-existente e eterna, como defendida por filósofos gregos antigos, em especial os neoplatônicos, e a seita filosófico-religiosa dos maniqueus, principais correntes de pensamento com quem Agostinho irá polemizar.

Para Santo Agostinho, a criação do tempo é um tema profundamente interligado com a natureza de Deus, notadamente de sua eternidade. Ele argumenta que o tempo não existia antes da criação do universo, pois foi criado por Deus junto com o universo. Agostinho via o tempo como uma propriedade dependente da criação divina, não algo eterno ou independente.

Em sua obra *Confissões*, onde reflete sobre a dificuldade de compreender o tempo, considera o tempo uma dimensão complexa, composta pelo passado, presente e futuro, mas apenas o presente é real para nós, pois o passado não existe mais e o futuro ainda não existe.

A eternidade, por outro lado, é vista como um “presente permanente”, onde não há mudança ou sucessão de momentos. Deus, sendo eterno, não está sujeito ao tempo, mas é o criador e sustentador do tempo. Assim, para Agostinho, entender o tempo é também entender a relação entre a criação, a eternidade de Deus e a experiência humana da realidade.

Nesse primeiro capítulo subdividiremos a questão em dois subpontos: o primeiro, sobre a teoria da criação em Agostinho, e, no segundo, sua teoria do tempo, no qual o tempo aparece como parte da criação. No segundo capítulo O primado do presente (Princípio sempiterno) na “teoria do tempo” de Agostinho, no terceiro capítulo o tempo como categoria da alma e o tempo real.

1.1 *Creatio ex nihilo*: primeiro pressuposto para uma “teoria do tempo”

A teoria da criação levantada por Santo Agostinho tem por base sua análise do *Livro Gênesis*, o primeiro livro bíblico do pentateuco escrito por Moises, que diz. “No princípio criaste o céu e a terra” (*Gn 1.1*).

É interessante observar que, embora Agostinho não era versado em Hebraico e nem tão pouco em grego, mas faz reflexões profunda sobre esses conceitos em latim. Para ele, os conceitos *En arché* (*αρχή* princípio no grego), *béréshit* (בהתחלה no

princípio em hebraico) e em latim *in principio* (no princípio em latim canônico)⁵, possuía o mesmo valor ontológico que os gregos antigos deram ao fazer suas cosmologias.

Assim sendo, o “no princípio” aqui utilizado, para Agostinho, tem o mesmo caráter da *αρχή* de Tales de Mileto e todos os “filósofos da *physis*” ou “filósofos da natureza” em suas cosmogonias. Em sua supracitada obra ele aponta para uma problemática aparentemente evidente e incontestável a da presença da realidade. Para o Pensador de Tagaste o céu e terra dependem de outro Ser para existir, ou seja foram criados. Como ele diz:

Existem, pois, o céu e a terra. Em voz alta dizem-nos que foram criados, porque estão sujeitos a mudanças e vicissitudes. Ainda mesmo o que não foi criado e todavia existe nada tem em si que antes não existisse. Portanto sofreu mudança e passou por vicissitudes. Proclamem todas estas coisas que não se fizeram a si próprias: ‘Existimos porque fomos criados. Portanto, não existíamos antes de existir, para que nos pudéssemos criar’ (Agostinho, Conf., XI, 4).

Para ele, todos os entes temporais dependem ontologicamente de algo que não se move, com isso eles possuem uma existência contingentes e devem seu ser a um criador, como afirma o Prof. Marcos Costa:

Agostinho afirma que a própria contingência e transitoriedade das coisas existentes é uma prova de que não procedem da mesma natureza do Ser que as criou, pois, se assim não fossem, seriam imutáveis e necessárias, assim como Deus (2007, p. 9).

Ou seja, tudo que veio a existir precisa do Criador que jaz na eternidade, e tudo que veio a ser é por intermédio dEle.

Contudo, o que seria a *creatio ex nihilo*? O que que o Bispo de Hipona quer nos dizer acerca da criação a partir do nada, ou melhor, sem precisar de nada? Antes de discorrermos sobre a resposta que Agostinho nos deu a esse problema é importante sabermos que o Mestre da interioridade sofreu algumas influencias de correntes cosmogônicas contemporâneas a ele, tal como platônicas, neoplatônicas e aristotélicas.

5 De acordo com o texto judaico: TORÁ. 2. ed. bilingue: hebraico/português. Tradução, explicações e comentários do rabino Meir Matzliah Melamed. bilíngüe: São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001. *Bereshit* () ← **בְּרֵשִׁית** a primeira palavra do primeiro versículo e também do primeiro livro que leva o nome de *Bereshit* (Gênesis, em grego); em hebraico significa *no princípio*; o versículo completo é o que acima está transcrito; transliterado fica da seguinte forma: *Bereshit bará Elohim et hashamaim vet haárets*; nos caracteres da língua hebraica fica assim: **בְּרֵשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ**. Transliterado e com os caracteres hebraicos fica desta forma: [(*haárets*) (**בְּרֵשִׁית**) (**בָּרָא**) (**אֱלֹהִים**) (**אֶת**) (**הַשָּׁמַיִם**) (**וְ**) (**אֶת**) (**הָאָרֶץ**)]. Agostinho faz uso do mesmo sentido ao explorar o prologo joanino “**Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος.**” (Jo 1.1).

As teorias cosmogônicas platônicas, aristotélicas e neoplatonismos representam um marco fundamental na história do pensamento filosófico sobre a origem e a natureza do universo.

Platão, em seus diálogos, especialmente no *Timeu*, propõe que o cosmos é o resultado da ação de um Demiurgo, um artífice divino que organiza o caos [matéria] pré-existente segundo proporções matemáticas ideais, refletindo o mundo das formas perfeitas, conforme vemos na obra *Timeu*, onde eternidade e tempo mantêm uma relação icônica:

[...] então, pensou em construir uma imagem móvel da eternidade (eikô kinêton tina aiônos), e, quando ordenou o céu, construiu, a partir da eternidade que permanece uma unidade, uma imagem eterna que avança de acordo com o número; é aquilo a que chamamos tempo (Platão, *Timeu-Crítias*, 37 d5, 2012, p. 109). .

Aristóteles, discípulo de Platão, diverge de seu mestre ao rejeitar a existência de formas separadas e ao introduzir a noção de substância, forma, matéria e etiologia em sua *Metafísica*. Ele considera que a substância é a realidade concreta que existe por si mesma e que as formas são os princípios organizadores que dão estrutura e função às substâncias materiais. Assim sendo, defende o conceito de tempo como “número do movimento segundo o anterior e o posterior”. Essa definição enigmática sugere que o tempo está relacionado à mudança e à sucessão de momentos. Para Aristóteles, o presente (o “agora”) não pode ser considerado como parte do tempo, pois está em constante movimento. Tudo o que fazemos no presente imediatamente se transforma em passado. O tempo é composto por instantes que não podem coexistir. Cada instante exclui todos os outros, e o presente que não se torna passado é chamado de eternidade.

O Neoplatonismo, por sua vez, desenvolveu-se nos séculos III e IV durante a crise do Império Romano e foi marcado pela figura de Plotino, que em suas *Enéadas* descreveu um sistema onde tudo emana de uma única fonte originária, o *Uno*, que é perfeito e imutável. Este princípio único dá origem ao *Nous*, ou *Intelecto*, que é a primeira emanção e contém as ideias perfeitas; daí procede a *Alma do Mundo*, que faz a mediação entre o *Nous* e o mundo sensível, este último sendo uma cópia imperfeita da realidade espiritual, como podemos ver nas palavras do próprio Plotino:

Assim, a distensão da vida (διάστασις ζωῆς) [da alma] ocupa o tempo: o avançar da vida ocupa continuamente um tempo novo; sua vida passada ocupa o tempo passado. Dizer que o tempo é a vida da alma (ψυχῆς ζωὴν), consistindo no movimento pelo qual a alma passa

(κινήσις μεταβατική) de um estado de vida a outro estado de vida, não seria dizer alguma coisa? (Plotino, *Enéadas*, III, 7,11,41-45)

Essas teorias não apenas moldaram a visão de mundo da antiguidade e da era medieval, mas também continuam a influenciar o pensamento contemporâneo, especialmente no que diz respeito à relação entre o uno e o múltiplo, o eterno e o transitório, o espiritual e o material. A compreensão dessas teorias oferece uma visão profunda sobre como diferentes filósofos conceberam o universo e nossa conexão com ele, refletindo sobre a ordem, a beleza e o propósito da existência.

Após esse rápido panorama das correntes cosmogônicas que eram correntes à época de Santo Agostinho, podemos entender melhor o seu posicionamento e sua forma de pensar. Ao defender a *creatio ex nihilo*, ele faz um contraponto com todas elas, pois, para o Hiponense, tudo veio a ser pela benevolência do Criador, e o mais importante dessa reflexão é fato de trazer existência as coisas sem precisar de nada pré-existente, ou de uma determinada matéria eterna, ou co-eterna com deus, como acreditava os gregos, e tão pouco de uma essência imanente à sua substância, como nos neoplatônicos, ou seja, para Agostinho, tudo veio a ser do absoluto não-ser, como diz no tratado *Sobre a Natureza do Bem*:

Todas as naturezas corruptíveis não são naturezas se não porque procedem de Deus; mas não seriam corruptíveis se tivessem sido geradas D'ele, porque então seriam o que é Deus mesmo. Por conseguinte, qualquer que seja a sua espécie, qualquer que seja a sua ordem, elas só possuem porque foram criadas por Deus; e, se não são imutáveis, é porque foram tiradas do nada (Agostinho, *De nat. boni.*, 10)

Agostinho percebe que se dizemos que Deus tirou alguma coisa de sua substância e essas coisas não são eternas tais como Ele, e às coisas finitas contrapões a substância eterna do criador, como pensavam os neoplatônicos, então terremos um problema conceitual como nos diz Carlos Alberto Cáceresa:

[...] se Deus tirou algo de sua substância esse algo se torna finito, submisso às alterações e até as destruições, assim como os corpos. De tal modo poderíamos perguntar: se ele tirou algo de sua substância, que é eterna, para criar as criaturas então por que as criaturas não são eternas? A resposta mais plausível que Agostinho irá encontrar é que Deus não pode se alterar nem para melhor nem para pior pelo fato dele já ser perfeito, inalterável, o termo mais ou menos perfeito já altera o ser (2021, p. 34).

Então Deus as fez do nada, ou melhor, sem precisar de nenhuma matéria pré-existente, diferente do artesão humano [e do Demiurgo de Platão] que faz e esculpi todas suas obras em matéria pré-existente, como diz Agostinho, criticando a teoria platônica: “O artífice impõe a forma à matéria, a qual já existia” (Agostinho, Conf., XI, 5).

No criacionismo agostiniano não há relação direta da coisa criada e o Criador. Deus, diferentemente do Demiurgo platônico, que modela as coisas a partir de uma matéria eterna existente, algo já dado. Contestando a tudo isto, no tratado *Sobre o Gêneses contra os Maniqueus*, Agostinho diz que

O mundo não é coeterno com Deus, porque este mundo não é da mesma eternidade que Deus; o mundo certamente o fez Deus, e deste modo, com a mesma criatura que Deus criou, começaram a existir os tempos (Agostinho, *De Gen. contra man.*, I, 2, 4).

Ao que comenta Etienne Gilson, diferenciando o ato de criar humano e o criar de Deus, a quem merece propriamente o nome criar:

De início, o que significa criar do nada Deus não é como um artesão que, considerando uma forma qualquer em seu pensamento, a impõe à matéria que ele tem à sua disposição (argila, pedra, madeira etc.). Ao contrário, as diversas matérias que o artesão humano encontra à sua disposição, Deus foi quem as fez. O que o ato criador significa é, portanto, a produção do ser daquilo que é, e essa produção é possível unicamente para Deus, porque somente ele é o Ser: *quid enim est, nisi quia tu est*. Assim, sem qualquer matéria preexistente, Deus quis que as coisas fossem e elas foram; isso é precisamente o que se denomina criar *ex nihilo* (2006, p. 358).

E assim como acontece com o artesão, se dá com o Demiurgo de Platão, que não cria a partir do nada, mas fabrica ou modela a partir de matéria pré-existente coeterna com ele.

Podemos concluir este tópico afirmando que para Agostinho a teoria do *creatio ex nihilo* é fundamental para suas reflexões *a posteriori* e com ela ele inaugura um pensamento totalmente novo como vimos.

Trabalharemos agora sua concepção de tempo na perspectiva de sua nova cosmogonia, concebendo-o como “coisa criada”.

1.2 O tempo na *creatio ex nihilo*

Voltemos a reflexão agostiniana sobre o *Livro do Gêneses*: “No princípio criaste o céu e a terra” (*Gn* 1.1), de onde o Santo Doutor tira parte de sua fundamentação teórica, onde ainda a questão se haveria tempo antes da criação? O pensador de Tagaste dirá que não, como podemos ver:

E o vosso dia não se repete de modo que possa chamar-se cotidiano, mas é um perpetuo ‘hoje’. Não se afasta do amanhã, nem sucede ao ‘ontem’. O vosso hoje é eternidade [...]. Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos (Agostinho, *Conf.*, XI, 13, 16).

Deus é o criador de todas as coisas, inclusive o próprio tempo como supracitado. Agostinho quer manter a imutabilidade de Deus, sendo assim não pode ter tempo antes da criação, pois o que há é eternidade. A ideia de tempo já é intrínseca ao movimento, como bem diz Etienne Gilson: “Ora, dado que o tempo é mudança por definição, ele também é uma criatura. Houve, portanto, um começo e, por consequências, nem as coisas que duram nem o tempo são eternos” (2006, p.360).

Agostinho rebate a polêmica dos Maniqueus os quais, segundo no tratado Sobre o Gênesis, perguntavam ironicamente:

Se no mesmo princípio fez Deus o céu e a terra, que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? Que foi que o fez repentinamente mudar de ideia e fazer o que nunca tinha feito antes nos tempos eternos? (Agostinho, *De Gen. contra man.*, I, 2, 3).

Agostinho diz que as objeções dos maniqueus não passam de sofismas ou de falsos problemas. Pois, quanto à primeira pergunta, argumenta:

Se cremos que no princípio do tempo fez Deus o céu e a terra, também devemos entender que antes do princípio do tempo não existiu o tempo. Deus criou o tempo e, por conseguinte, antes de criar o tempo não existia o tempo. E não podemos dizer que existia algum tempo, quando Deus ainda não o havia criado; pois, de que modo existia o tempo que Deus ainda não tinha criado, sendo ele o Criador de todos os tempos? E se o tempo começou a existir no mesmo momento que o céu e a terra, não podemos de modo algum encontrar o tempo antes de haver criado o céu e a terra (*Ibid.*).

Ao que conclui essa parte:

O mundo não é coeterno com Deus, por que este mundo não é da mesma eternidade que Deus; o mundo certamente o fez Deus, e deste modo, com a mesma criatura que Deus criou, começaram a existir os tempos. [...] não são eternos os tempos

como Deus é eterno; por que Deus, criador dos tempos existe antes dos tempos (Agostinho, *De Gen. contra man.*, I, 2, 4)⁶.

Quanto à segunda pergunta: “o que fez Deus mudar de ideia e fazer o que nunca tinha feito antes?”, em primeiro lugar,

fala-se – diz Agostinho – como se houvesse transcorrido algum tempo antes em que Deus não fez nada. Não podia passar tempo algum que antes não houvesse feito Deus, porque não pode ser criador dos tempos senão o que existe antes do tempo (*Ibid.*).

Em segundo lugar,

intentam pesquisar as causas da vontade de Deus, quando esta vontade é a única causa de todas as coisas que existem. Se a vontade de Deus se fundasse em alguma outra causa, esta seria antecedente à sua vontade, e creio ser isto inaudito (*Ibid.*).

E conclui:

Ao que pergunta por que fez Deus o céu e a terra, direi: porque quis. A vontade de Deus é a causa da existência do céu e da terra, e por isto a vontade de Deus é maior que o céu e a terra. Portanto, o que interroga o porquê quis Deus fazer o céu e a terra, busca uma causa maior que a vontade de Deus, e eu digo que nada maior se pode encontrar. Reprima, pois, a temeridade humana sua insensatez e não busque aquilo que não existe [...] (*Ibid.*, I, 3, 5).

Como se vê, Agostinho quer eliminar de uma vez por toda polemica levantada pelos Maniqueus. A primeira, de que haveria algum tipo de ociosidade em Deus que movesse a criar o universo, sendo assim colocando em questão a imutabilidade do Criador, tendo um agente que o impulsionou a criar e, a segunda, o que fazia antes, dando a Deus um atribulo intratemporal, sendo Ele supratemporal.

Como podemos notar, a criação para Agostinho não é a partir de algo pré-existente. Deus traz tudo a existência sem precisar de matéria alguma e de forma nenhuma de alguma substância emanada de sua essência, simplesmente de um não ser absoluto. Com isso, nem o tempo e nem a matéria são coeternas com Deus, como defendiam os maniqueus. Então é um contrassenso perguntar por um antes ou um momento antes da criação, sendo esses conceitos temporais, como diz Agostinho: “Efetivamente fostes Vós que criastes esse mesmo tempo, nem ele podia decorrer

⁶ Igualmente nas *Confissões* Agostinho replica: “Quem afirma tais coisas, ó Sabedoria de Deus, Luz das inteligências, ainda não compreendeu como se realiza o que se faz por Vós e em Vós [...]. Pois, como poderiam ter passado inumeráveis séculos, se Vós, que sois o Autor e o Criador de todos os séculos, ainda não os tínheis criado? Que tempo poderia existir, se não fosse estabelecido por Vós? E como poderia esse tempo decorrer, se nunca tivesse existido? E conclui: Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. Portanto, não é concebível um tempo, em que se possa dizer que não havia” (*Conf.*, XI, 11; 13).

antes de o criardes! Porém, se antes da criação do céu e da terra não havia tempo, para que perguntar o que fazeis, então?” (Agostinho, *Conf.*, XII, 13).

Assim sendo, comenta Giovani Fernando Cardoso, em seu artigo: “O tempo, como visto, é criação de Deus, sendo assim improcedente acerca da ação de Deus antes do tempo, pois esta categoria temporal só equivale à criatura. Logo é demonstrado um erro formal” (2010, p. 5).

Agostinho conclui que não há tempo nenhum antes da criação, compreender tal afirmação é de uma complexidade sem igual para nós entes imensos na temporariedade. Só Deus pode conhecer de fato a temporariedade pois ele não é alterado por ela.

Já quanto ao “instrumento criador” utilizado para criação do cosmo e do tempo é o Verbo divino que ecoa na eternidade como dirá o Santo Doutor:

Assim nos convidais a compreender o Verbo, [...] o qual é pronunciado por toda a eternidade e no qual tudo é pronunciado eternamente. Nunca se acaba o que estava sendo pronunciado nem se diz outra coisa para dar lugar a que tudo se possa dizer, mas tudo se diz simultânea e eternamente. Se assim não fosse já haveria tempo e mudança, e não verdadeira eternidade e verdadeira imortalidade. [...] Sabemos que uma coisa morre e nasce, consoante deixa de ser o que era e passa a ser o que não era. No vosso Verbo, porém, nada desaparece, nada se substitui, porque é verdadeiramente eterno e imortal. Por isso, ao Verbo que é coeterno convosco, dizeis, ao mesmo tempo e eternamente, tudo o que dizeis. E tudo o que dizeis que se faça realiza-se! Para Vós não há diferença nenhuma entre o dizer e o criar (Agostinho, *Conf.*, XI, 7, 9)

Dessa vez pensando no prologo joanino que diz: “No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus ⁷”, Agostinho concatena todo ato da criação ao logos de Deus, eliminando toda contradição outrora levantada pelos Maniqueus. Deus é o eterno criador, nele não há tempo e nem sua criação compartilha de sua eternidade.

⁷ Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος (João. 1.1)

2 O primado do presente (Princípio sempiterno) na “teoria do tempo” de Agostinho

Agostinho de Hipona tece sua teoria do tempo baseado no primado do presente, pois esse presente remete ao conceito de eternidade. O presente que nunca deixa de ser. Na eternidade,

[...] ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal, verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido dum passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam d'Aquele que sempre é presente (Agostinho, Conf., XI,11).

Dessa forma, Agostinho parte do eterno ao temporal semelhante a Plotino como diz Claude Romano: “Decerto, como Plotino, Agostinho inaugura sua análise do tempo com uma meditação sobre a eternidade, definida como presente intemporal, sem passado nem futuro” (Romano, *In*: Calixto, Ayub, 2023, p. 142). Eternidade essa chamada de princípio sempiterno como bem diz Cristiane Ayoub: “A eternidade é tematizada nos capítulos iniciais do livro XI das *Confissões* (XI,1-17). Nesses capítulos, ela também é referida como o Princípio sempiterno mencionado no *Livro de Gênesis* 1,1: ‘No princípio, Deus disse: ‘faça-se a luz’ (2021, p. 24), e que as vezes nos parece ‘escapar as mãos’ por possuir uma dimensão incognoscível a nós, seres temporais e imersos na temporalidade, como nos diz próprio Agostinho: “Porventura, Senhor, sendo tua a eternidade, ignoras o que te digo, ou vês com o tempo o que se passa no tempo?” (Agostinho, Conf., XI, 1, 1). Podemos ver que há uma presentificação da eternidade no tempo que se dá pela onisciência divina, como dirá Cristiane Ayoub:

Nesse sentido, Deus, mesmo tendo a eternidade e sendo criador, tem acesso ao tempo, pois não ignora o que ocorre no tempo. Portanto, a presença da eternidade no tempo se dá como onisciência. A onisciência refere-se à simultaneidade do conhecimento divino, à imutabilidade divina e à presença divina no tempo. Simultaneidade, pois o acesso divino às coisas que se mostram no decorrer do tempo

Independe da aparição fragmentada delas no tempo, o que significa que Deus as conhece simultaneamente, sem a dissipação e a variação entre aparição e ocultamento característicos da temporalidade. Imutabilidade, uma vez que, se Deus conhece tudo sempre, e ele jamais passa a conhecer algo que ele antes não conhecia, então o conhecimento divino é eterno e perfeito, porque não muda, muito embora Deus conheça coisas mutáveis (2021, p. 22).

A indagação agostiniana a esse Princípio sempiterno reflete sua superioridade enfrente os entes temporais. Deus sendo a própria eternidade contempla todas as coisas temporais fora do tempo, como ainda nos diz Cristiane Ayoub:

Com efeito, traduzimos o pronome interrogativo latino '*numquid*' por 'porventura', na falta de uma palavra ou de uma expressão cujo significado lhe equivalesse em língua portuguesa. Em latim, '*numquid*' introduz perguntas que exigem respostas necessariamente negativas. Assim, a pergunta: 'Porventura, senhor, sendo tua a eternidade, ignoras o que te digo, ou vês com o tempo o que se passa no tempo?' é a afirmação de que Deus está presente no tempo, pois (1) ele não ignora o que lhe é dito, embora isto apareça na temporalidade, (2) tampouco conhece 'com o tempo o que se passa no tempo'. O modo da presença e do conhecimento divinos no tempo é distinto daquele característico dos seres temporais, e isso é marcado por Agostinho através de duas qualidades exclusivas de Deus: a eternidade e a superioridade em relação às criaturas. Se Deus não ignora a narrativa humana temporal e prescinde de que esta seja manifestada no tempo, então ele a conhece ao modo da eternidade. Nesse sentido, Deus, mesmo tendo a eternidade e sendo criador, tem acesso ao tempo, pois não ignora o que ocorre no tempo. Portanto, a presença da eternidade no tempo se dá como onisciência (*Ibid.*, p. 22)

Para Agostinho a imutabilidade se revela uma vez que Deus sabe tudo sempre (Onisciência). Ele jamais passa a conhecer algo que não teria conhecido de antemão. Essa forma de conhecer divina é perfeita e eterna porque não muda, apesar de Deus conhecer as coisas multáveis e temporais. A eternidade está acima de todo tempo.

Há várias outras questões que envolvem o problema do tempo em Santo Agostinho, além da relação tempo e eternidade, dentre outras, a questão tempo enquanto subjetividade ou categoria da alma, que será o tema do próximo capítulo.

3 O tempo como categoria da alma

Agostinho, nas *Confissões*, defende que toda experiência temporal humana necessita de uma referência interior, defendendo dois postulados: o tempo da alma e o tempo do mundo. Esse tempo do mundo ou exterior, não pode fixar seu curso, pois o tempo exterior, definido pela inexorável instantaneidade do real, ou seja, está sempre passando, segundo após segundo em uma lógica completamente sua sem parâmetros para medi-lo, pois não é impossível determinar uma medida padrão. Já o tempo interior é sentido pela alma como diz o Pensador de Tagaste:

Isto agora é límpido e claro: nem as coisas futuras existem, nem as coisas passadas, nem dizemos apropriadamente ‘existem três tempos: o passado, o presente e o futuro’. Mas talvez pudéssemos dizer apropriadamente ‘existem três tempos: o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes, o presente das coisas futuras’. Pois os três estão de alguma maneira na alma e eu não os vejo em outro lugar: o presente das coisas passadas é a memória, o presente das coisas presentes é o olhar, o presente das coisas futuras é a expectativa (Agostinho, Conf., XI, 10).

Ele ainda dirá:

Em ti, ó meu espírito, meço os tempos. [...]. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas, ao passarem, gravam em ti e que em ti permanece quando elas tiverem passado, e meço-a, enquanto presente, e não as coisas que passaram, de forma a que essa impressão ficasse gravada; meço-a, quando meço os tempos. (*Ibid.*, XI, 10).

Agostinho via o tempo como uma expansão da alma humana (*distentio animi*), capaz de viajar no tempo, focar no presente e projetar-se num futuro que ainda não existe, como diz Claude Romano: “Portanto, é a alma que faz o tempo passar, é ela que produz esse movimento interior que, em breve, será descrito em termos de distensão; mais ainda, esse movimento é a própria alma” (*In*: Calixto, Ayub, 2023, p. 166). O agora é uma cessação contínua, nunca é estável, desaparece a cada momento, a eternidade por outro lado é um agora único, é imutável, não desaparece, permanece e só Todas as coisas pertencem ao Criador. A estreita ligação entre a alma humana e a memória é óbvia. É a memória que permite que o passado exista no presente, e os vestígios do passado impregnam a alma e podem revelar os mistérios mais profundos de qualquer indivíduo. Como dizia o pensador de Tagaste: “Daí concluo que o tempo nada mais é do que extensão. Mas extensão de quê? Ignoro. Seria surpreendente, se não fosse a extensão da própria alma” (Agostinho, Conf., XI, 26).

Para melhor compreensão dos termos vejamos a definição utilizada por Cristiane Ayoub em seu artigo:

No Oxford Latin Dictionary, o curto verbete ‘*distentio*’ consta de duas definições, ambas esclarecedoras da questão do tempo. O primeiro significado divide-se em dois aspectos complementares: (1) exteriorização enquanto prolongamento para fora, distensão (‘*a stretching out*’); ocupação (ocupar, ir habitar, acampar). Assim, primeiramente *distentio* é exteriorização, ocupar, habitar algo fora. Conforme o segundo significado, *distentio* é inchaço ou distensão corporal, por exemplo, estomacal ou do braço; diz respeito ao prolongamento antinatural para fora devido a alguma tensão ou

doença interior, e que leva a uma deformação. *Distentio* é também a forma participial do verbo *distendo*, tal como 'distendido' em português. No referido dicionário, o verbo *distendo* reinterpreta os significados mencionados acima com acréscimos: '*to stretch asunder*' (separar em partes, fragmentar, separar distanciando) (2021, p. 26).

Como podemos perceber, Agostinho faz uma interiorização do tempo trazendo para o âmago do homem, contudo, ele não inaugura esse pensamento, mas herda essa definição de Plotino, que atribui o tempo à alma, como podemos notar:

Assim, a distensão da vida (διάστασις ζωῆς) [da alma] ocupa o tempo: o avançar da vida ocupa continuamente um tempo novo; sua vida passada ocupa o tempo passado. Dizer que o tempo é a vida da alma (ψυχῆς ζωὴν), consistindo no movimento pelo qual a alma passa (κινήσις μεταβατικῇ) de um estado de vida a outro estado de vida, não seria dizer alguma coisa? (Plotino, *Enéadas* III,7,11,41-45).

Para Claude Romano, interpretando Agostinho, a alma é o medidor do tempo, como vemos em suas palavras

A alma parece bastar a si mesma para medir o ritmo e a velocidade de todo movimento intramundano; ela parece não ter necessidade do menor movimento de referência; ou melhor, ela o encontra em si mesma. Ela é esse movimento (*In*: Calixto, Ayub, 2023, p. 164).

Ao que confirme Agostinho, que dirá:

Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois delas terem passado. Meço a ela enquanto é presente, e não aquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. É a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou esta impressão é os tempos ou eu não meço os tempos (Agostinho, *Conf.*, XI, 27).

Por estas afirmações que foram discutidas, podemos concluir com o nosso Santo Doutor que o tempo é de alguma forma uma extensão, mas não uma extensão do espaço, daí Agostinho usou o termo "inflação" ao lidar com o tempo, que é *distentio animi* (expansão da alma), ou seja, minha consciência percebe o passado, o presente e o futuro, e pela dilatação ganho uma extensão da qual podemos medir o tempo.

4 O tempo real ou objetivo

Agostinho nos dar uma fundamentação de um tempo objetivo, ao dá ênfase ao tempo presente. Ao partir do primado do presente nos fornece duas condições particulares do tempo: o tempo criatural e o tempo real. Diferente do tempo da alma qual acabamos de ver, que de uma certa forma é algo que sempre nos escapa e

também é uma realidade muito delicada levada ao interior do homem. O tempo real ou objetivo, contido no âmbito das coisas criadas como defende Agostinho é o que prevalece mesmo relativamente. É o tempo objetivo que oferece a Agostinho condições de organizar sua pesquisa teórica, como nos diz José Renivaldo Rufino em sua tese:

O próprio Agostinho elabora suas pesquisas teóricas e intelectuais graças ao suporte que lhe é dado pelo tempo objetivo. O tempo criatural, portanto, efetiva-se, torna-se real no mundo e nas coisas que estão no mundo. Trata-se, por conseguinte, de uma criatura material – mesmo diferenciada de outras criaturas materiais - e não de uma criatura espiritual ou intelectual. Isso deve ser dito, pois para Agostinho as criaturas intelectuais ou espirituais também são reais; só que uma realidade não material (2003, p 131 e 132)

A partir desse momento Agostinho faz uma distinção entre o tempo subjetivo ou tempo da alma do tempo objetivo, quando ele coloca o tempo Independiente do homem. Como vimos no primeiro caso, o tempo é visto como algo vinculado ao interior do homem e no segundo caso o tempo é posta para fora da consciência do homem, contudo, ambas construções dependam do homem, pois é ele que faz essas construções no seu intelecto, como ainda nos assevera José Ruino em sua tese:

Na primeira construção, o tempo é visto como algo vinculado apenas ao interior do homem, como tempo da consciência, ou tempo subjetivo. A construção que visa o tempo objetivo, por seu lado, também deve ser creditada ao homem, uma vez que é o homem quem faz essa elaboração intelectual. O que ocorre é que, neste segundo momento, Agostinho desvincula o tempo daquela dependência da consciência e o coloca fora da consciência. O que ele faz, na verdade, é colocar o tempo no seu lugar primigênio, isto é, no mundo (2003, p. 133)

Como podemos ver o tempo objetivo ou real é posto no seu lugar de origem, que é o mundo, sendo assim também é uma criatura criada no momento da criação e está fora da consciência do homem, pois veio antes de sua consciência. Como nos diz mais uma vez o supracitado comentador:

Quando Agostinho conclui que o tempo é uma criatura, ele faz exatamente essa construção que vincula o tempo ao mundo e o desvincula da consciência interior (ou tempo subjetivo). Esse tempo primigênio está vinculado, apenas, à mente de Deus e, posteriormente, à realidade do mundo objetivo criado por Deus em simultaneidade com o tempo, pois, para Agostinho, como visto no primeiro capítulo desta obra, tempo e mundo foram criados concomitantemente (*Ibid.*).

Dessa forma, o tempo é o mundo são realidades indubitáveis, e como diz Agostinho, Deus fez o mundo multável pela qual podemos sentir o tempo:

De fato, Senhor, 'tu criaste o universo de uma matéria informe'. Tiraste do nada um quase nada, para dele fazer as coisas grandes, que nós, filhos dos homens, admiramos. É realmente maravilhoso este céu corpóreo, este firmamento que separa umas águas das outras, que criaste no segundo dia depois da criação da luz, quando disseste: 'Faça-se: e assim se fez'. Chamaste céu a esse firmamento, mas o céu desta terra e deste mar é que fizeste no terceiro dia, dando forma visível à matéria informe que tinhas criado antes do início dos dias. Já anteriormente a este céu, tinhas criado outro céu, que era o céu do céu, porque 'no princípio criaste o céu e a terra'. Mas esta mesma terra que criaste, era matéria carente de forma, porque 'era invisível e informe, e as trevas cobriam o abismo'. Desta terra invisível e sem ordem, dessa informidade, deste quase nada, fizeste tudo aquilo de que é formado e não formado este mundo mutável, no qual se manifesta esta mobilidade, pela qual se pode sentir e medir o tempo. (Agostinho, *Conf.*, XII, 8,8.)

É notório que o mundo e o tempo são anteriores ao homem e que o homem pertence a esse lugar, sem o qual ele não possuiria uma realidade empírica. Dessa forma Agostinho concatena o tempo como sua objetividade. Como já havia dito anteriormente na mesma obra:

Não houve portanto um tempo em que nada fizeste, porque o próprio tempo foi feito por ti. E não há um tempo eterno contigo, porque tu és estável, e se o tempo fosse estável não seria tempo. O que é realmente o tempo? Quem poderia explicá-lo de modo fácil e breve? Quem poderia captar o seu conceito, para exprimi-lo em palavras? No entanto, que assunto mais familiar e mais conhecido em nossas conversações? Sem dúvida, nós o compreendemos quando dele falamos, e compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam (Agostinho, *Conf.*, XI. 14.17).

Podemos concluir que para Agostinho há um vínculo entre a existência do tempo a existência das coisas multáveis que estão claramente no tempo. E esse fato objetivo que nos leva a medir o tempo através do movimento como diz José Renivaldo Rufino:

Como se vê, Agostinho vincula a existência do tempo à existência das coisas mutáveis que estão no tempo. É esse fator objetivo que o leva à tentativa de medir o tempo através do movimento, como se buscasse o tempo real, o tempo que não é aquele que ele vê apenas na consciência e em nenhum outro lugar, ou o tempo que pode ser "visto" além do movimento ou da duração do movimento (*motus e mora*) (2003, p 134).

Desta maneira os objetos temporais estão ligados de alguma forma ao tempo, sobretudo ao tempo presente e que são independentes por causa dessa condição. Todos vinculados no momento da criação, pois o mundo foi criado com o tempo e não no tempo.

Considerações finais

Agostinho de Hipona é indubitavelmente um dos filósofos mais proeminentes da cristandade e do medievo, não apenas isso, mas um notório pensador da história da filosofia como um todo. Como podemos ver sua teórica sobre o tempo perpassa o pensamento de muitos outros pensadores, uns para corroborar e outros para discordar, contudo é inegável a maestria que esse pensador elabora suas teses.

Nesse artigo podemos ver como a polêmica com os maniqueus fez nascer sua reflexão sobre a criação e sobre o tempo e como o tempo e a criação estão intrinsecamente relacionadas. Discorreremos aqui também acerca do *Creatio ex nihilo*: primeiro pressuposto para uma “teoria do tempo,” onde Agostinho parte da criação para fundamentar sua teoria do tempo. Vimos também o tempo na *creatio ex nihilo*, o primado do presente (Princípio sempiterno) na “teoria do tempo” de Agostinho, onde Agostinho faz distinção entre tempo e eternidade. Por fim, vimos que ele trabalha o tempo sob dois aspectos: tempo subjetivo, ou psicológico, como categoria da alma, e tempo objetivo ou real, que é o tempo do mundo.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 9. ed. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 1988.

AGOSTINHO, Santo. **A natureza do bem**. Edição Bilíngue. Tradução de Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005.

AGOSTINHO, Santo. **Comentário literal ao Gênesis - Sobre o Gênesis, Contra os maniqueus - Comentário Literal ao Genesis (inacabado)**. Tradução de Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Patrística, n 21).

AYOUB, Cristiane N. Abbud. Agostinho e o tempo da alma. **Doispontos**, v. 18, n. 1, p. 21-34, 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. A.T Gênesis 1 e N.T. João 1, 1-18. São Paulo: Paulinas, [1985], p. 31 e p. 1985.

CARDOSO, Giovani Fernando. O tempo e a eternidade em Agostinho. **Revista Trans-Forma-Ação**. Marília, v. 3, n. 1, 2010. www.marilia.unesp.br/filogenese

CÁCERES, Carlos Alberto. Creation and time in Augustine: an analysis of book XI of the Confessions. **Diaphonía**, v. 7, n.1, 2021

COSTA, Marcos Roberto Nunes ; BRANDÃO, Ricardo Evangelista. A teoria da criação, segundo Santo Agostinho. **Revista Ágora Filosófica**, Ano 7, n. 1, p. 7-26, 2007.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Tempo e eternidade em Santo Agostinho. **Mirabilia - Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval**, n. 11, p. 136-155, 2010.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 lições sobre Santo Agostinho**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GILSON, Etienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abbdud Ayoud. São Paulo: Paulus, 2006.

PLATÃO. **Timeu-Crítias** Tradução, introdução e notas de Rodolfo Lopes. São Paulo: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

PLOTINO. Enéadas I e II. Introdução, tradução e notas de Juvino A. Maia. [recurso eletrônico]. João Pessoa: Ideia, 2021.

ROMANO, Claude. Agostinho e a subjetividade do tempo. In: CALIXTO, Pedro ; AYUB, Cristiane N. A. (orgs.). **Santo Agostinho: um pensador eternamente contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2023, p. 133-184

RUFINO, José Reinivaldo. **Passado, presente e futuro: o tempo da consciência e a consciência do tempo em Santo Agostinho**. Recife: UFPE, 2003. 179 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia).

TORÁ. 2. ed. bilingue: hebraico/português. Tradução, explicações e comentários do rabino Meir Matzliah Melamed. bilíngüe: São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.